



leia

boletim informativo do Siresp

nº 481

Edições às Segundas e Quintas

Cadeia Produtiva

Braskem amplia produção no exterior

A Braskem vai investir mais de US\$ 10 bilhões em novas plantas petroquímicas no exterior, como parte da meta de se tornar a quinta maior produtora mundial de resinas termoplásticas até 2020. Além de novas aquisições em análise nos EUA, onde, em fevereiro, anunciou a compra da Sunoco Chemicals, estão em carteira projetos no México, Peru, Venezuela e Bolívia. O anúncio foi feito pelo vice-presidente Executivo da companhia, Roberto Prisco Ramos, um dos integrantes do painel "Cenários e Perspectivas da Petroquímica Brasileira no Contexto Mundial", na Rio Oil & Gas, no qual se discutiu a oportunidade de investimento na produção de produtos petroquímicos para atender o crescimento expressivo que se espera da economia, tanto no Brasil como no exterior. Dos novos empreendimentos a serem construídos, o projeto do México é o mais adiantado. O complexo petroquímico a ser construído em Coatzacoalcos, no estado de Veracruz, entrará em operação em 2014, com produção de 1 milhão de t/ano de etileno e polietileno. A Braskem é a controladora do consórcio, com 65% de participação, e tem como sócia a mexicana Idesa, com 35%. No Peru, o projeto segue o mesmo molde da planta do México. Serão investidos de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 3 bilhões no complexo, com consumo de 40 milhões de m³/dia de gás natural, dos quais serão retirados 1 milhão de t/ano de etano para produção do polietileno. A planta da Bolívia ainda depende de negociação de fornecimento firme de matéria prima pela YPFB, por 20 anos. O projeto deve estar operacional até 2020 e, segundo Ramos, o governo brasileiro tem demonstrado interesse e comprometimento na concretização desse projeto. Na Venezuela, o complexo petroquímico ainda está em fase de projeto básico, mas Ramos confia no sucesso do empreendimento. "Temos boa posição na Venezuela, país que detém a oitava maior reserva de gás do mundo", diz. Informou o Brasil Energia.

Negócios para o Plástico

Amanco lança sua linha de Quadros de Distribuição na Construção Minas 2010

A Amanco, uma das líderes mundiais e líder absoluta na América Latina em tubos e conexões, vai lançar na Construir Minas 2010, feira internacional do setor de Construção, que acontece em Belo Horizonte entre os dias 15 e 18 deste mês, sua nova linha de quadros de distribuição para disjuntores DIN. O atrativo maior está no design da linha, que oferece duas opções: lisa e mosaico. O mosaico possui um design inovador e único no mercado, o que permite que o Quadro de Distribuição faça parte da estética do ambiente. "A ideia é que os novos modelos interajam com a decoração do local. O Quadro de Distribuição deixa de ser um item escondido e passa a fazer parte integrante do espaço, de forma diferenciada e agradável", afirma Anderson Moraes, Coordenador de Produtos da Amanco. A família do novo Quadro de Distribuição Amanco possui cinco tamanhos: para 4, 8, 12, 24 e 36 disjuntores DIN, respectivamente (ver imagem abaixo). Todos oferecem as versões lisa e mosaico. Complementam a linha duas caixas de passagem: pequena e grande. Os quadros podem ser utilizados em instalações elétricas de baixa tensão para edificações residenciais, comerciais e industriais, com a possibilidade de instalação em estruturas de alvenaria e drywall. Além da nova linha, o público que não conhece o Kit Cavalete ou a Eco Caixa poderá ver os produtos expostos no estande de 50 m² da Amanco na feira. O Kit Cavalete é oferecido pré-montado de fábrica. O produto é utilizado para ligação de água de um estabelecimento com a rede pública, que compreende o trecho da rede de distribuição até o ponto de entrada. Totalmente integrada aos conceitos de ecoeficiência, a Amanco Eco Caixa proporciona, de forma segura, uma economia de até 33% no consumo de água. Com capacidade volumétrica de 6 litros, a Eco Caixa foi projetada para atender à nova norma para caixas de descarga, que exige execução da limpeza total dos vasos sanitários com 6 litros de água, por acionamento, com a mesma eficácia dos modelos atuais para 9 litros. Informou a Redação do Leia!

Indústria de embalagens está otimista para o 2º semestre

Após encerrar o primeiro semestre de 2010 com crescimento de 16,29% em relação ao mesmo período, em volume produzido, a indústria de embalagens sinaliza que o segundo semestre será igualmente positivo. Em sondagem elaborada pela Fundação Getulio Vargas (FGV) junto a 104 empresas do setor, executivos destacam que os indicadores de demanda e nível de estoques para os próximos meses são favoráveis para a manutenção dos negócios em patamar na casa de dois dígitos de crescimento. A pesquisa, cujo principal objetivo é revelar as perspectivas futuras da indústria de embalagens, aponta que a expectativa em relação aos negócios, nos próximos seis meses é positiva: 46 pontos. Apesar de estar abaixo dos níveis de 82 pontos de janeiro e 78 de abril deste ano, o indicador ainda oscila em patamares semelhantes aos vistos no começo de 2008, antes, portanto, do agravamento da crise financeira iniciada nos EUA. Associado ao aumento da demanda, os empresários também veem condição favorável em relação ao volume atual dos estoques. A pesquisa aponta que, para a maioria dos entrevistados, a condição atual dos estoques é insuficiente. O indicador foi de 20 pontos, o maior patamar desde 2007. Em abril, pela primeira vez no período, o resultado foi positivo (+1), o que já indicava a necessidade de recomposição de estoques na cadeia - nesse caso, números negativos mostram que há excesso de produtos. Para equacionar a situação, a indústria precisará ampliar os investimentos em produção, condição que enfrentará duas barreiras. A primeira está na elevada taxa de utilização da capacidade instalada, que por dois trimestres consecutivos, ficou na casa de 90%. A última vez que esse patamar foi alcançado ocorreu em outubro de 2007. A segunda está nas condições de obtenção de crédito, que pioraram em relação às pesquisas elaboradas em abril e janeiro. Sustentada nos resultados do primeiro semestre de 2010 e nas perspectivas acerca do desempenho do setor no 2º semestre, a FGV projeta que a produção física de embalagem da indústria brasileira crescerá até 10,5% em 2010, na comparação com o ano passado. O resultado, caso confirmado, representará o maior crescimento anual do setor, desde o início do levantamento, na década passada. Em 1995, a produção do setor cresceu 7,48%, o maior patamar reportado até o momento. Entre os segmentos que puxam o otimismo dos fabricantes de embalagens estão as indústrias farmacêutica, de bebidas e de alimentos. As três aparecem entre os principais consumidores de embalagens na economia brasileira. Outros segmentos que surpreenderam no 1º semestre deste ano foram vestuários e acessórios, calçados e artigos de couro, defensivos agrícolas, tintas e vernizes, cimentos e itens das linhas branca e marrom. A pesquisa da FGV sobre o desempenho do setor no 1º semestre mostra que os 5 subgrupos da indústria de embalagens apresentaram crescimento em relação ao 1º semestre de 2009 - no ano passado, todas as áreas haviam encolhido na comparação com os 6 primeiros meses de 2008. O maior crescimento foi reportado nas embalagens de madeira, cuja alta foi de 24,63% no semestre. Em seguida apareceu a de metal, com expansão de 23,90%. Para o 2º semestre, é esperado que o crescimento da produção em todas as áreas seja menos expressivo, uma vez que a base de comparação é mais robusta - no 1º semestre de 2009, o índice de produção total havia encolhido 9,73%. Mas mesmo que isso ocorra, a indústria de embalagens ainda terá razões para comemorar no período no qual tradicionalmente há a maior concentração de vendas, por conta das festas de final de ano. Comemorações estas que deverão se intensificar se o setor atingir, pela primeira vez na história, o faturamento anual de R\$ 40 bilhões, previsto pela FGV. Informou a Agência Estado.

Movimentos da Indústria

Investimento em inovação fica abaixo do previsto

Sérgio Rezende, ministro de Ciência e Tecnologia: ainda falta a cultura do investimento para parte das empresas. Os investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) no Brasil têm crescido, mas a passos lentos. Em 2010, eles devem alcançar 1,3% do Produto Interno Bruto (PIB), segundo o ministro de Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende. Em 2009, a participação foi de 1,2%, e em 2008, de 1,1%. A expectativa do governo era de que ao fim de 2010, ano que encerra o Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional (PACTI), o percentual chegasse a 1,65%, puxado principalmente pelo aumento da participação do setor privado, hoje em 0,5%. "Faltou uma maior participação do setor privado, mais empresas investindo em inovação. Estamos no caminho certo, só é preciso mais empenho nos investimentos", disse o ministro ontem após almoço com a diretoria da Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras (Anpei). Um patamar ideal de participação dos investimentos em inovação no PIB é acima dos 2%, segundo o ministro. Rezende diz que o ritmo lento não é uma questão de falta de recursos, e sim da necessidade que ainda existe de se criar uma cultura de investimento no setor. "A crise econômica não afetou os investimentos em inovação, mas o setor tem uma história recente. Até pouco tempo, poucas empresas nacionais não tinham políticas de ação em P&D", disse. Segundo ele, a aplicação dos recursos estimados para investimentos no PACTI, de 2007 a 2010, R\$ 41,2 bilhões no total, está dentro do esperado. "Devemos chegar ao fim do ano com os R\$ 41 bilhões aplicados." A falta de empenho não é uma realidade das grandes empresas, segundo representantes da Anpei. De acordo com levantamento da entidade, o grupo de 150 associados, entre elas as maiores empresas do país, é responsável por 60% dos investimentos privados em inovação no país. "Os investimentos das empresas associadas à Anpei são de duas a três vezes a média do investimento das empresas brasileiras", diz Carlos Calmanovici, presidente da Anpei e executivo da ETH, empresa de bioenergia da grupo Odebrecht. A Braskem, por exemplo, investe 0,5% do seu faturamento em inovação, considerando apenas as pesquisas para o desenvolvimento de novos produtos, e pretende aumentar esse percentual. "Temos aumentado nossos investimentos em inovação todos os anos, e trabalhamos hoje com cerca de 500 pesquisadores", diz Bernardo Gradin, presidente da Braskem. As companhias, porém, dizem que ainda há muitos pontos a se avançar na política de incentivo à inovação no país, e entre eles está a maior participação das empresas na gestão dos instrumentos de fomento ao setor. Outra reivindicação é o maior estímulo à presença dos pesquisadores nas empresas, com ações como a simplificação tributária e trabalhista para as contratações. Segundo executivos, há um excesso de burocracia na contratação de pesquisadores estrangeiros, por exemplo. Para Pedro Wongtschowski, presidente do grupo Ultra, a importância de se investir em inovação está clara entre as grandes empresas, mas não entre as pequenas e médias. "Falta a uma parte das empresas a convicção de que esse investimento tem que ser prioridade e que eles trazem resultados econômicos", diz ele. Por isso, o grupo também defende que existam mais mecanismos de apoio às companhias menores. Informou o Valor Econômico.

Solvay Indupa lança livro sobre a cultura de cidades do ABC

A Solvay Indupa, empresa química do Grupo Solvay, realizou um projeto de resgate da cultura local nas cidades de Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André e da vila de Paranapiacá. O resultado deste trabalho é o livro "Águas, Trilhos e Manacás. As Cores da Memória". Desenvolvido em parceria com o historiador Marcelo de Paiva, o livro traz registros das manifestações culturais como teatro, cinema, música e artes plásticas com muitos artistas desconhecido da população, mas que contribuíram para impulsionar a cultura no ABC Paulista. O livro, que servirá de consulta para escolas, universidades e centros de pesquisas, estará disponível para download gratuitamente no site www.solvayindupa.com.br. A Solvay Indupa investe em ações com comunidade local. Desde sua instalação no Brasil, na década de 40, já foram inúmeras iniciativas que envolvem cultura, esporte, social e meio ambiente. Informou a Redação do Leia!.

Para BC, financiamentos de longo prazo dependem de redução do endividamento público

A constituição de um mercado de crédito privado para o financiamento de longo prazo da economia depende diretamente da redução do endividamento público, segundo avaliou o diretor de política monetária do Banco Central (BC), Aldo Mendes. "Se a houver uma relação dívida pública menor, mais fundos terão recursos para alocar no financiamento privado", disse Mendes, durante seminário organizado pela Associação Brasileira de Entidades de Mercados de Capitais (Anbima). "Uma consequência da redução da dívida (versus) PIB é termos uma queda do prêmio de risco. E uma segunda consequência é uma queda da taxa de juros real, que já vem caindo nos últimos anos. Se voltarmos um pouco no tempo, percebemos uma queda da taxa real de quase 20%, há 15 anos, para em torno de 6%, hoje." Mendes também ressaltou o papel do governo na condução da crise, e avaliou que as novas regras definidas pelos banqueiros centrais do mundo, que ainda não entraram em vigor, vem em linha com o que já vinha sendo exigido do mercado financeiro brasileiro. "A crise veio e nós reagimos bem. Nenhum banco quebrou no Brasil. Basiléia 3 (conjunto de normas e regras) está chegando aí, e já está mostrando que o Brasil estava à frente em segurança de seu sistema financeiro. Temos uma regulação prudencial sólida do mercado", justificou. Para o diretor do BC, a rigidez com que o País trata da questão dos depósitos compulsórios (espécie de reserva de segurança dos bancos, em poder do BC) mostra que o Brasil, diferentemente do que se dizia, estava certo em apertar o cerco à especulação financeira. "Em vez de o Brasil descer suas exigências de compulsório, o mundo está subindo suas exigências e se aproximando do Brasil." Informou o IG (Guilherme Barros).

Brasil deve ser mais ativo no Cone Sul para fortalecer influência regional

O futuro governo do Brasil deve ser mais ativo no Cone Sul e promover uma maior integração com seus vizinhos para fortalecer sua influência, segundo analistas e políticos da região ouvidos pela BBC Brasil. Entre as questões que devem ser priorizadas pelo país na relação com os vizinhos, segundo os analistas, está o fortalecimento das instituições regionais como o Mercosul (Mercado Comum do Cone Sul) e a Unasul (União de Nações Sul-Americanas). Guillermo Holzmann, professor de ciências políticas da Universidade do Chile, diz que sua expectativa é que o Brasil aumente sua presença regional até para fortalecer seu "peso" no cenário internacional. "Acredito que o Brasil manterá uma posição de presença permanente na região e orientada à sua projeção mundial. O Brasil não pode descuidar da região e não pode ser líder só na região", disse Holzmann. Segundo ele, esse Brasil "mais ativo" deverá buscar evitar conflitos bilaterais ou multilaterais, principalmente por meio da Unasul (União de Nações Sul-Americanas). "O Brasil tem hoje forte peso no cenário mundial, e os demais países da região tendem a acompanhá-lo", afirmou. Como Holzmann, o analista uruguaio Miguel Senra, professor do Departamento de Sociologia da Universidade da República, de Montevideu, acredita que "por questões estratégicas", seja qual for o governo eleito, haverá uma intensificação da integração regional. Para ele, essa integração faz parte da "inserção do Brasil" como representante com capacidade de "liderança" da América Latina. Informou O Estado de S. Paulo.

Empresas chinesas querem ativos da Repsol no Brasil

As companhias de petróleo chinesas estão interessadas nos ativos brasileiros que a Repsol planeja colocar a venda, até o final deste ano, afirmou o jornal espanhol Expansión. Entre as companhias interessadas estão a China National Offshore Oil Corp. (Cnooc), a China Petroleum & Chemical Corp. (Sinopec) e a China National Petroleum Corp. (CNPC). A Repsol disse que não poderia comentar a reportagem, mas o porta-voz da companhia afirmou que "o processo que está atualmente em andamento é o de uma oferta pública de ações" dos ativos da empresa no Brasil. A Repsol planeja vender cerca de 40% de seus ativos brasileiros por meio de IPO ou para investidores qualificados. Informou Dow Jones.

Produção da indústria americana desacelera

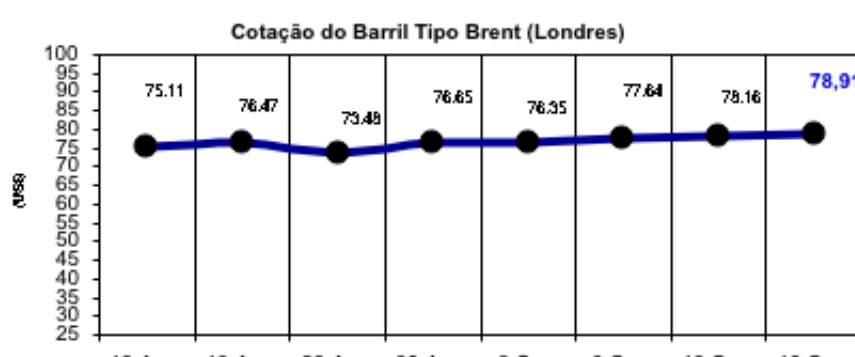
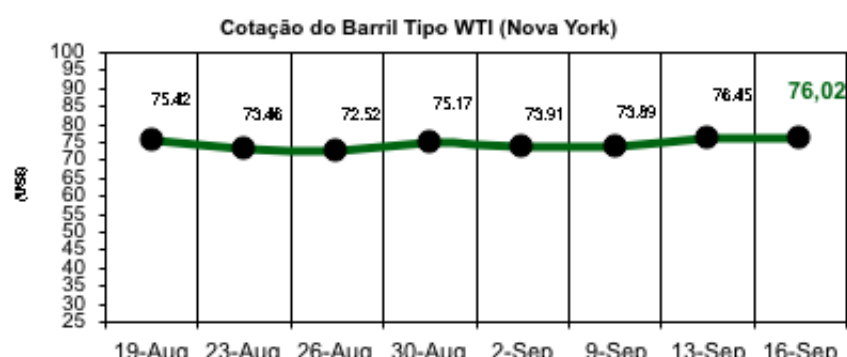
A produção industrial americana desacelerou em agosto e ficou abaixo das expectativas dos economistas consultados pela Dow Jones. Entretanto analistas dizem que a economia americana não está mais dando sinais de que dará um segundo mergulho recessivo. "Os consumidores não impulsionaram a economia", disse Ashworth, economista da Capital Economics, em Toronto. Para ele, a demanda fraca deve manter o crescimento morno pelo resto do ano. "O melhor que podemos dizer é que a economia pelo menos não está se dirigindo para uma nova recessão" avaliou Ashworth. A produção industrial registrou expansão de 0,2% em agosto, o segundo mês seguido de alta, de acordo com o Federal Reserve. O dado de julho foi revisado em baixa para mostrar aumento de 0,6% em vez de ganho de 1%, como informado anteriormente. Os economistas esperavam alta de 0,3% na produção e crescimento na utilização da capacidade para 75%. Em comparação com o mesmo mês do ano passado, a produção industrial subiu 6,2% em agosto. A utilização da capacidade da indústria também aumentou, com avanço para 74,7% de 74,6% em julho, em dado revisado. Ainda assim, as taxas de operação permanecem bem abaixo da média de 1972 a 2009, que é de 80,6%. A indústria tem sido um importante pilar para a economia, já que outros segmentos têm mostrado sinais de enfraquecimento. Um dado regional divulgado ontem também frustrou as expectativas. O índice de atividade industrial de Nova York caiu em setembro. Informou o Valor Econômico.

França ataca acordo com o Mercosul

Duas semanas depois de o ministro da Indústria da França, Christian Estrosi, defender o protecionismo econômico, agora o ministro da Agricultura, Bruno Le Maire, vai mais longe: ele garantiu aos produtores rurais que a França vai lutar contra o acordo de livre comércio entre União Europeia e Mercosul, cujas negociações estão em andamento nesta semana. A justificativa: "A Europa não é o lixão de produtos agrícolas da América do Sul". As declarações foram feitas em Rennes, onde se realizava um salão de agricultura. Le Maire foi recebido por militantes de sindicatos agrícolas, que protestavam contra a queda da renda dos produtores rurais. Enquanto os sindicalistas entravam em confronto com a polícia, o ministro discursou para líderes rurais. Na saída do encontro, Le Maire falou à imprensa. Defendeu uma "Europa firme" nas negociações entre a União Europeia e o Mercosul visando a um acordo de livre comércio, garantindo que pelo menos 15 países do bloco evitarão assiná-lo. "O agricultor não é moeda de troca. Não iremos adiante nas negociações com a Organização Mundial do Comércio (OMC), nem nas negociações com o Mercosul." A seguir, Le Maire deixou claro que a resistência da França tinha endereço: "A Europa não é o vertedouro dos produtos agrícolas da América do Sul". Em referência indireta, o ministro do governo de Nicolas Sarkozy ainda ironizou o Brasil, país para o qual o Palácio do Eliseu tenta vender 35 aviões de caça fabricados na França, em decisão que segue na mesa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. "Não podemos trocar carne bovina por Rafales." Além de descartar o acordo com o Mercosul, o ministro ainda anunciou novos subsídios aos produtores franceses. Pecuáristas receberão nos próximos três anos, 300 milhões em subsídios. O objetivo é reduzir as perdas agrícolas do país, onde a renda média teria caído 50% em 2009, segundo afirmam sindicatos e o Ministério da Agricultura. Ao Estado, um assessor de Le Maire afirmou que as posições do ministro são apoiadas por 15 países da UE (leia texto nesta página). "A Europa já enfrenta um déficit na balança comercial agrícola de US\$ 25 bilhões em favor dos países do Mercosul", disse assessor. Contatada, a assessoria do Palácio do Eliseu não retornou aos pedidos de esclarecimentos sobre a posição do ministro. Informou o Net Marinha.

Petróleo recua

O preço do petróleo caiu nesta quarta-feira (15). Em Nova York, o WTI para outubro caiu US\$ 0,78, para US\$ 76,02. O contrato para novembro recuou US\$ 0,71, para US\$ 77,12. Na praça londrina, o Brent para outubro caiu US\$ 0,25, para US\$ 78,91. O contrato de novembro subiu ligeiramente US\$ 0,15, para US\$ 79,42. Informaram agências internacionais.



Aladi e Mercosul serão debatidos no Sinproquim visando o Pacto da Indústria Química

O Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado de São Paulo (Sinproquim) trará em sua sede, no dia 20 de setembro, os ministros e diretores do Itamaraty Paulo França e Bruno Bath para conversar com os executivos e empresários do setor sobre "Atualização do Mercosul e Aladi (Associação Latino Americana de Integração)". Também serão abordadas decisões tomadas por ocasião da Reunião de Cúpula do Mercosul em San Juan (Porto Rico), assim como a sua agenda intra-regional e as relações Brasil-México. França é diretor do departamento do Aladi e Integração Econômica do Itamaraty. Já Bath é diretor do departamento do Mercosul do Itamaraty. Para participar, é preciso se inscrever no e-mail eventos@sinproquim.org.br ou pelo fax (11) 3284-7999 até 15 de setembro (quinta-feira). A entrada é gratuita e apenas para sindicalizados e associados.

Seminário discute as vantagens do Plástico Verde para indústria

No dia 23 de setembro, profissionais e empresários estarão reunidos, em Maceió, no I Seminário de Oportunidades e Negócios para Fornecedores das Cadeias Produtivas de Petróleo, Gás e Química e Plástico. O evento, promovido pelo Sebrae/AL, fará uma análise do cenário nacional e apresentará os projetos de desenvolvimento para as micro e pequenas empresas (MPE) alagoanas do setor. Um dos destaques envolve a discussão sobre a substituição do petróleo na produção de plástico. O chamado "Plástico Verde" será tema de uma das palestras do seminário. O diretor industrial da Braskem, Álvaro César, falará aos participantes sobre os processos inovadores que vem sendo adotados pela indústria brasileira para tentar reduzir os impactos ao meio ambiente e gerar sustentabilidade. Informações Sebrae em Alagoas - (82) 4009-1600 ou Central de Relacionamento Sebrae - 0800-570-0800.

O Leia! segue as normas da Nova Ortografia dos países de língua portuguesa.

Expediente

O Leia! é produzido com base em leituras de jornais, revistas, agências e sites de notícias, boletins corporativos dos principais setores ligados à petroquímica, reuniões e eventos realizados na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

Comitê editorial

Luiz de Mendonça - Presidente
Rosana Paulis e Eduardo Sene - Assuntos Fiesp/Siresp
Comunicação Institucional do Siresp - Édison Carlos (Solvay)
Marcio Freitas - Editor
Jenniffer Toledo e Brenda Nunes - Redação
Roberta Provatti - Jornalista responsável - MTB-24197/SP

Acesse nosso site
Clique aqui

www.siresp.org.br